

Classe C é a que mais se expande

(NÃO ASSINADO)

Nos últimos cinco anos, grupo intermediário da população ganhou 30,2 milhões de consumidores. Mesmo com os efeitos da crise global, a classe C conseguiu ampliar sua participação no país. Essa fatia da população chegou a 49% em 2009, vindo de 45% no ano anterior. Agora, a classe C é formada por 92,85 milhões de pessoas.

As classes A/B cresceram de 15% para 16% do total, enquanto as D/E encolheram (de 40% para 35%), nesse período de comparação, de acordo com pesquisa da Cetelem, financeira do grupo francês BNP Paribas, em conjunto com a Ipsos.

Segundo o Observador Brasil 2010, a expansão da classe C chegou a 15 pontos percentuais desde 2005, início da pesquisa, quando essa fatia da população representava 34% do total.

Nos últimos cinco anos, esse estrato intermediário ganhou 30,15 milhões de consumidores, sendo 8,23 milhões entre 2008 e 2009. Os segmentos D/E perderam 26,05 milhões desde 2005.

Na comparação com outros 13 países onde é feito o estudo, numa escala de zero a 10, o Brasil foi o mais bem avaliado, com nota 6,24. Segundo o levantamento, é a melhor avaliação do Brasil desde 2005, ano em que a pesquisa começou a ser realizada no país. As classes sociais utilizadas no estudo são as definidas pelo Critério de Classificação Econômica Brasil.

O conceito não considera a renda e leva em conta itens eletrodomésticos (televisão, rádio, aspirador de pó, máquina de lavar, DVD, geladeira, freezer), carro de passeio, quantidade de banheiros na casa e grau de escolaridade do chefe da família.

Por isso, a redução do IPI para móveis da linha branca e veículos foi uma das razões para o avanço social, explica a gerente de pesquisa da Ipsos, Elisa Bernd.

O país deve ter pelo menos mais cinco anos de ascensão social. Devem entrar 9,4 milhões de brasileiros nas classes A/B e outros 26,6 milhões na C, segundo análise do economista-chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas, Marcelo Neri.

A volta do crescimento econômico e a geração de emprego, ressalta, possibilitou a redução da desigualdade social. Apesar da quase estabilidade (-0,2%) do PIB em 2009, houve a criação de 995 mil empregos formais.

A renda familiar mensal, entre 2008 e 2009, registrou queda nas classes A/B, de R\$ 2.586 para R\$ 2.533. Porém, subiu na C (de R\$ 1.201 para R\$ 1.276) e nas D/E (de R\$ 650 para R\$ 733).

SÃO PAULO